

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão

**VANESSA MEIRA DE CASTRO MARTINS**

**TRANSFORMANDO REALIDADES? O IMPACTO DOS CURSOS DE  
ORIENTAÇÃO, PROFISSIONALIZAÇÃO E CAPACITAÇÃO  
PROFISSIONAL PROVOCADO NA VIDA DE JOVENS EM SITUAÇÃO DE  
VULNERABILIDADE SOCIAL.**

**ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO DE PROJETOS SOCIAIS EM  
ORGANIZAÇÕES DO TERCEIRO SETOR**

**São Paulo**

**2013**

VANESSA MEIRA DE CASTRO MARTINS

TRANSFORMANDO REALIDADES? O IMPACTO DOS CURSOS DE  
ORIENTAÇÃO, PROFISSIONALIZAÇÃO E CAPACITAÇÃO  
PROFISSIONAL PROVOCADO NA VIDA DE JOVENS EM SITUAÇÃO DE  
VULNERABILIDADE SOCIAL.

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como parte para  
obtenção do título de Especialista  
em Gestão de Projetos Sociais em  
Organizações do Terceiro Setor.

“Mas é preciso ter força  
É preciso ter raça  
É preciso ter gana sempre....  
Mas é preciso ter manha  
É preciso ter graça  
É preciso ter sonho sempre.”  
(Maria, Maria. – Milton Nascimento.)

**RESUMO:** O presente trabalho tem por objetivo realizar uma análise do impacto social provocado na vida de jovens em situação de vulnerabilidade social através de cursos de qualificação intitulados 'preparatórios e/ou profissionalizantes' ministrados por duas organizações do terceiro setor em seus programas e projetos sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** JUVENTUDE E TRABALHO. CURSOS PROFISSIONALIZANTES PARA JOVENS. VULNERABILIDADE SOCIAL. AVALIAÇÃO DE IMPACTO SOCIAL. PROJETOS SOCIAIS. INSERÇÃO SOCIAL E PROFISSIONAL.

**ABSTRACT:** The present work aims conduct an analysis of the social impact on the lives of young people in situations of social vulnerability through training courses entitled 'preparatory and / or professional' taught by two third sector organizations in their programs and social projects.

**KEY WORDS:** WOUTH AND WORK, PROFESSIONAL COURSES FOR YOUNG. SOCIAL VULNERABILITY. SOCIAL IMPACT ASSESSMENT. SOCIAL PROJECTS. SOCIAL INSERTION AND PROFESSIONAL.

## SUMÁRIO

MEMORIAL OU O PORQUÊ DO TRABALHO SOCIAL FAZER PARTE DE MIM .....	6
INTRODUÇÃO .....	11
METODOLOGIA.....	13
CAPÍTULO 1. SOBRE O CONCEITO DE JUVENTUDE E OS JOVENS.....	16
CAPÍTULO 2. O TRABALHO COMO UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL .....	22
CAPÍTULO 3. SOBRE PROCESSOS AVALIATIVOS E SEUS CONTEXTOS...	27
CAPÍTULO 4. AVALIANDO RESULTADOS.....	32
CONCLUSÃO .....	46
ANEXO 1. FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO CURSO DE FORMAÇÃO.....	48
BIBLIOGRAFIA.....	52

## MEMORIAL OU O PORQUÊ DO TRABALHO SOCIAL FAZER PARTE DE MIM

---

Para falar de impacto social e de seus resultados e benefícios, ponderou-se e levantou-se a possibilidade de colocar um pouco da história pessoal da autora, pois esta se aproxima muito das histórias de vários jovens que serão documentadas através de casos de superação, resiliência e sonhos que aos poucos, com muito trabalho e incentivo foram se transformando em realidade.

E também da convicção desta mesma autora, embasada na teoria do pensador da educação Lev S. Vygotsky (1896 – 1934) de que somos seres sociais e que nosso conhecimento se desenvolve como resultado de um processo sócio histórico e decorrente de nossa interação com o meio em que vivemos.

Para tanto, a autora se utiliza de recurso narrativo em primeira pessoa no presente capítulo que segue:

Minha escolha profissional vem sendo direcionada e construída desde a infância, pois desde os 10 anos de idade eu já pensava nisso e uma ideia constante nessa idade era a proximidade com as escolhas que fossem relacionadas ao que me divertia e me dava satisfação e neste período da vida havia duas coisas que me davam muita satisfação: falar e escrever!

Aconteceu que em determinado momento um adulto amigo da família me explicou que existia uma profissão certa para mim, que parecia muito com as coisas que eu gostava de fazer: o Jornalismo!

Para me incentivar, quando completei doze anos este mesmo amigo me presenteou com uma máquina de escrever, confesso que preferia escrever no meu diário como já era de hábito, mas adorei o presente.

Na mesma época, na condição de uma criança curiosa, me interessei por outro assunto que era totalmente novo naquele tempo: computadores! Eu mal sabia o que eram, mas gostei de tudo o que ouvi e vi sobre este objeto e achei que poderia ser algo legal de trabalhar. Em 1996, aos 18 anos e já formada no antigo Segundo Grau, que era o nome utilizado à época, resolvi procurar um trabalho fixo (até então só tinha me ocupado de maneira informal) e comecei a correr atrás do meu sonho de entrar na faculdade de Jornalismo, só que agora o sonho aumentara: queria entrar em uma faculdade pública!

Então, por indicação de amigos, entrei em um cursinho pré-vestibular voltado a jovens de baixa renda chamado Aprove Vestibulares, onde fiquei dois anos, fiz grandes e duradouras amizades e também tive a oportunidade de sonhar...neste momento tinha certeza que seria uma jornalista, que seria uma repórter investigativa como a personagem Louis Lane (do filme 'Super Man').

É preciso dizer que no primeiro ano me frustrei muito porque não tinha ideia de como este curso era concorrido e de quanto precisaria estudar, uma vez que não teria dinheiro para pagar uma faculdade privada.

Quando completei o segundo ano de cursinho já estava desanimada, pois trabalhava para cobrir os gastos deste e também para ajudar em casa, por conta das condições financeiras precárias de minha família e para a qual era imprescindível ter mais um braço para auxiliar no pagamento das despesas.

O resultado do vestibular foi bem negativo, sem sucessos. Só frustrações...E neste momento, exausta, resolvi parar e repensar minha futura carreira enquanto seguia trabalhando como vendedora para manter a família e manter alguma dignidade.

Neste meio tempo ainda me interessei por um curso técnico de teatro, profissão com a qual também me identifiquei muito, no entanto só fui até a metade deste curso e infelizmente, mais uma vez, 'optei' por abandonar mais este sonho.

Eu tinha 22 anos e a realidade exigia estabilidade, neste momento eu trabalhava na área comercial de uma empresa de tecnologia e por conta da oportunidade de crescimento que me foi ofertada nesta empresa, busquei me especializar procurando uma nova área de conhecimento e comecei a cursar a faculdade de 'Gestão de Sistemas de Informação' acreditando que seria uma oportunidade de me integrar ao meio e de ter um futuro mais promissor, entretanto só fiquei um semestre neste curso que não me agradou e também não coube no meu orçamento, e novamente parei, pois eu ainda ajudava a família com a sua subsistência.

Contudo minha necessidade de satisfação e minha busca não cessavam e em um momento de intempestividade resolvi buscar outro emprego que me proporcionasse mais satisfação, e para buscar independência também mudei da cidade de Embu das Artes para São Paulo, pensando que isso me faria ter uma vida mais livre e sem despesas familiares, porém confesso que foi um período intenso e sofrível com grandes perdas emocionais: a morte da minha mãe, a demissão da empresa idealizada, o retorno para a cidade de Embu das Artes e ainda a responsabilidade de arcar com o que restou de minha família (dois irmãos adolescentes e uma sobrinha recém-nascida).

Como saldo final deste período tive depressão, síndrome do pânico e hipertensão, restando de fato poucas perspectivas para mim e, do alto dos meus com 25 anos, me sentia derrotada, frustrada, falida emocionalmente e financeiramente. Neste momento não havia mais sonho de crescimento, faculdade ou qualquer outra perspectiva.

Um dia acordei mais disposta, decidida a tentar um pouco mais e resolvi que poderia ter uma profissão para ajudar e direcionar melhor as pessoas, torná-las mais preparadas e com mais estrutura do que eu tive para saber lidar melhor com situações análogas as que eu vivenciei, então já sabia que trabalharia como educadora, ou até como arte educadora, pois já me descobrira com afinidades nas áreas de artes, comunicação e conhecimentos gerais. Foi então que peguei um empréstimo e me matriculei no curso de Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas da Faculdade Paulista de

Artes, e comecei a fazer o curso sem imaginar como faria para pagar a 2ª mensalidade.

Consegui cursar esta faculdade por dois semestres, mas como sempre, no segundo semestre já não conseguia mais arcar com estas despesas, pois apesar de já estar inserida no mercado de trabalho eu tinha as responsabilidades e dívidas familiares para administrar.

Quando confirmei que não conseguiria iniciar o terceiro semestre, resolvi fazer a prova do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) para tentar a bolsa do PROUNI (Programa Universidade para Todos) e conseguir finalmente terminar um curso de graduação, mas apesar do bom número de acertos (70%) havia poucas vagas no cadastro do PROUNI para o curso de Artes Cênicas naquele ano e então consegui uma vaga minha segunda opção: Pedagogia.

Comecei o curso de Pedagogia em 2005, logo após abrir mão do curso de Artes, só que desta vez vislumbrei a possibilidade de mudanças positivas e pensei que seria bom trabalhar com educação, embora não soubesse como seria de fato a minha contribuição nesta nova profissão. Foi neste momento que conheci e me interessei pelo Terceiro Setor que me foi apresentado em um módulo da faculdade, desta forma trilhei o caminho que me trouxe até aqui e pude finalmente me apropriar e optar de fato entre as escolhas as quais fui sendo apresentada.

Dentre estas escolhas, decidi pela especialização em Gestão de Projetos Sociais em Organizações do Terceiro Setor.

Hoje com 34 anos de idade, estou convencida que não caberia outro setor ou profissão para mim, pois fazer parte da área social, atuar com jovens orientando-os como cidadãos com direitos e deveres, auxiliando-os a elaborar seus projetos de vida e direcionando sua inserção no Mundo do Trabalho me coloca em contato com histórias parecidas ou até mais difíceis que a minha própria história de vida o que me leva todos os dias a ter grande satisfação em

realizar meu trabalho, quando faço questão de mostrar a eles que construir outra realidade é possível.

## INTRODUÇÃO

---

O presente trabalho se propõe a analisar o impacto social provocado na vida de jovens em situação de vulnerabilidade social através de cursos de qualificação intitulados 'preparatórios e/ou profissionalizantes' ministrados por duas organizações do terceiro setor em seus programas e projetos sociais.

Segundo Roxo (2011):

IMPACTO SOCIAL (Do lat. *Impactus*) Dic. Líng.port. Impressão ou feito forte, abalo, comoção, perturbação. Mudança social profunda que ocorre em determinado campo de atuação, como saúde, educação, meio ambiente ou desenvolvimento econômico e cujo âmbito geográfico se inicia na comunidade, podendo se estender regionalmente e chegar, inclusive, à esfera internacional. Ver verbete: Inovação social. (Roxo, 2011, in Moussallem e Merege, p.130 e 131).

De acordo com Moussallem (2011) o termo Vulnerabilidade Social também pode ser definido como:

“VULNERABILIDADE SOCIAL” (Do fr. *Vulnérabilité*) Caráter ou qualidade de vulnerável”. Suscetível. O Conceito se aplica aos países menos desenvolvidos. Diz respeito às alterações significativas que um indivíduo ou grupo de pessoas podem sofrer frente às questões objetivas e subjetivas. A falta de acesso a oportunidades econômicas, sociais, culturais, entre outras, se aplica a este conceito, bem como a ideia de risco e insegurança diante da precariedade do trabalho, desempregado, falta de proteção social. (Moussallem e Merege, 2011, p. 246).

A hipótese na qual se acredita é que, quando os jovens realizam cursos de formação como os descritos neste trabalho, eles apresentam ampliação de suas perspectivas por meio do direcionamento que recebem e também potencializam o desenvolvimento de seu Projeto de Vida que inclui escolha de carreira, ingresso em curso superior, melhoria de condições financeiras bem como da qualidade de vida deles e de sua família.

Para verificar a hipótese apresentada foram elaboradas questões referentes às expectativas anteriores e posteriores a estas formações. Foi também verificado como está o nível de escolaridade atual dos jovens, se estão empregados e em que área de atuação, e, além disso, se estão satisfeitos com o resultado alcançado até o momento, bem como sua opinião sobre os impactos destas formações em suas vidas.

Nos próximos capítulos foi demonstrado o método de aferição da hipótese levantada, foi ainda dada uma definição sobre o conceito juventude e dados sobre a atual situação do jovem brasileiro no que se refere a estudos, empregabilidade e perspectivas socioeconômicas deste grupo social que representa grande parte da população do Brasil.

Foi apresentado também o conceito de Capital Cultural e a importância atribuída a esta teoria na busca pelo trabalho e pela empregabilidade, demonstrando sua relação com a juventude que faz parte da chamada população economicamente ativa.

Neste trabalho foi ainda elaborado um breve panorama sobre Organizações da Sociedade Civil e como se dá a criação, o funcionamento e os processos avaliativos destas instituições que são de grande importância para Programas e Projetos Sociais que auxiliam diversos grupos sociais, entre eles, os jovens que são objetos de análise neste trabalho.

Para finalizar foi demonstrado o resultado das pesquisas realizadas e se estas confirmaram ou não a hipótese apresentada, que levaram às respostas e conclusão do presente trabalho.

## METODOLOGIA

---

Foram analisadas mudanças<sup>1</sup>, realizações<sup>2</sup> e frustrações<sup>3</sup> a partir do ponto de vista dos jovens inseridos nesta realidade em comparação aos jovens que optaram ou não, por outras trajetórias de vida.

Lemos et al, afirmam ainda que “Torna-se relevante investigar se as chances de inserção do indivíduo no mercado de trabalho são potencializadas por sua qualificação profissional ou por sua origem social, ou se, de alguma forma, esta influencia aquela.” (2008, p. 370-384)

Dentre as instituições indicadas neste trabalho buscou-se um destaque para as organizações (associações da sociedade civil) que tem como foco a formação e inserção de jovens em situação de vulnerabilidade social no mundo do trabalho por meio da Lei da Aprendizagem (Lei nº 10.097/2000) e pela Lei do Estágio (Lei nº 11.788/2008).

Optou-se por preservar a identidade destas instituições, que serão chamadas neste trabalho de instituição ‘A’ e instituição ‘B’. A Associação ‘A’ se apresenta como “uma organização da sociedade civil sem fins econômicos, legitimada em 1938, que desenvolve um trabalho social e educativo junto à população de três regiões da zona sul de São Paulo.”

A Associação ‘B’ se apresenta como “... uma organização sem fins lucrativos que atua na capacitação profissional para inclusão de jovens no mercado de trabalho.” Na mesma apresentação consta ainda que esta organização foi fundada em 1979 e tem como essência a transformação social

---

<sup>1</sup>Mudança (mu.dan.ça) s.f. 2. Modificação, alteração ou alteração que pode ocorrer a alguém ou algo em seu estado, aspecto ou situação. (p. 885, 2008).

<sup>2</sup>Realizar (re.a.li.zar) s.f.5. Sentir-se realizado; alcançar, cumprir (meta ou ideal). (p. 1072, 2008).

<sup>3</sup>Frustração (frus.tra.ção) s.f. 2. Estado de uma pessoa que é privada da satisfação de uma necessidade ou de um desejo. (p.610, 2008) in Dicionário escolar da língua portuguesa/ Academia Brasileira de Letras – 2ed. – São Paulo: Companhia Editora Nacional: 2008.

por meio da capacitação e encaminhamento de jovens para o mundo do trabalho.

Como metodologia foram aplicados formulários direcionados a dois grupos de jovens aprovados e certificados nos cursos de qualificação profissional das organizações 'A' e 'B', oriundos do território do entorno destas entidades e provenientes de grupos sociais considerados por estas instituições como em condição de alta ou altíssima vulnerabilidade social de acordo com critérios adotados pelas entidades mencionadas.

A instituição 'A' determina as condições de vulnerabilidade de acordo com um conjunto de informações coletadas em entrevista de acolhimento com as famílias, onde são levantados dados como histórico e convivência familiar, condição socioeconômica, escolaridade do jovem, idade do jovem, região de moradia que deve fazer parte da região atendida e estar situada dentro do município de São Paulo e ainda os casos de encaminhamento dos Centros de Referência da Assistência Social [CRAS], entre outros.

A instituição 'B' adota como critérios de participação em seus cursos à renda per capita, que deve ser de até 1,5 salários mínimos vigentes, a constituição familiar, a idade do jovem, o local em que reside que deve fazer parte da região onde está o polo de formação, bem como prova de conhecimentos gerais de caráter classificatório.

Para avaliar a ocorrência do impacto social foram feitas entrevistas com jovens oriundos destas duas associações da sociedade civil sendo uma situada na região da zonal Sul da cidade de São Paulo e outra situada na região central da cidade de São Paulo com polos implantados em outras regiões da cidade (Norte, Sul, Leste e Oeste) ambas, como já citado, com foco na inserção social e profissional dos jovens atendidos em seus programas.

Para realizar estas entrevistas foi utilizado um formulário elaborado por meio da ferramenta Google Docs, um pacote de aplicativos online que permite

a criação de vários tipos de documentos, entre estes, a criação de formulários de pesquisa e enquetes.

Nas entrevistas foram levantadas as opiniões dos jovens referentes aos aspectos apontados como relevantes nesta pesquisa para avaliar o impacto social agregado às formações propostas por estas entidades.

Foram apresentadas ideias e opiniões a serem analisadas sobre a necessidade de orientação e direcionamento que acredita-se, podem auxiliar no crescimento e manutenção do impacto para a vida dos jovens pesquisados.

## CAPÍTULO 1. SOBRE O CONCEITO DE JUVENTUDE E OS JOVENS

---

Para falar sobre o impacto social na vida de determinados jovens se faz necessário também falar sobre as concepções que marcam momentos como a própria adolescência e a passagem desta para a vida adulta que, geralmente, tem como marco inicial a entrada deste jovem no Mundo do Trabalho.

Debieux (2010, p.4) afirma que “A adolescência, para a psicanálise, não é caracterizada isoladamente pela idade, por comportamentos ou personalidade, mas refere-se a um intenso trabalho psíquico, subjetivo e relacional.”

A juventude é concebida na modernidade como uma etapa da vida em que ocorre uma preparação para o exercício futuro de cidadania que é realizado em espaços diferentes dos espaços convencionados por adultos como a escola, por exemplo, sendo também considerado um tempo de “preparação e espera” (Stecanela *apud* ABRAMO, 2003).

Entretanto para Aguiar e Ozella (2008) a adolescência é reconhecida pelos próprios jovens como um período marcado por mudanças físicas e psicológicas com características, transições e crises que abarcam diversos setores da vida, embora afirmem também que muitas destas características referentes a esta fase são construções sociais reproduzidas com o passar do tempo e história.

Segundo também aponta estudo realizado pelo DIEESE [Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos]:

“A fase compreendida entre os 16 e os 24 anos de uma pessoa é das mais críticas, uma vez que é nela que, geralmente, tende a ocorrer à conclusão da formação escolar e o ingresso na vida profissional. Assim, os sucessos escolares

e ocupacionais nessa faixa etária têm importância destacada, e se refletem e/ou determinam o restante da vida do trabalhador.” (2005, p.9)

Aguiar e Ozella (2008) indicam ainda que para os jovens, de maneira geral, o fim da adolescência é marcado como um momento em que eles se revelam sujeitos mais responsáveis perante suas famílias e na sociedade como um todo, entretanto este momento tão importante parece vir acompanhado de questões relevantes e desgastantes como o temor pela perda do prazer experimentado nos momentos de adolescência, por exemplo.

A entrada na vida adulta é relatada pelos próprios jovens como uma situação em que impera o trabalho e a falta de tempo para desfrutar de lazer e descanso, além de uma crescente pressão para que obtenham sucesso e vençam. Este rito de passagem pode vir acompanhado com as também crescentes cobranças e vigilâncias sobre responsabilidade, postura e conduta que devem apresentar e seguir. (Aguiar e Ozella, 2008).

Aguiar e Ozella (2008) apontam ainda para um fato interessante diz respeito à importância deste momento que marca a passagem para a vida adulta, pois verificaram em suas pesquisas que, dependendo da classe socioeconômica e etnia deste jovem, determinadas questões como sofrimento, cobrança e sucesso são mais relevantes para alguns e menos para outros. Como indica o trecho abaixo:

Uma diferença que chama atenção diz respeito aos meninos de classe D e E predominantemente negros. Apesar de também reproduzirem as concepções instituídas sobre adolescência, sobre a ideia de crise, de conflitos. A adolescência aparece como algo que acarreta sofrimento. Revelam grande preocupação com a vida, falam do perigo das drogas, das frustrações, dos medos, das impossibilidades: “Sou jovem, mas já conheço o outro lado da vida”; “para mim a adolescência não é só para curtir, mas tentar dar o máximo...” “...para não acabar na escuridão”. (2008, p. 105).

Contudo vale ressaltar que os jovens de diversas classes socioeconômicas e etnias afirmaram que o trabalho aparece como um dos símbolos desta passagem para a vida adulta e a preparação para esta inserção é um dos ângulos que serão contemplados no presente trabalho. (Aguiar e Ozella, 2008).

O mesmo relatório já citado do DIEESE [Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos] intitulado “Juventude: Diversidades e desafios no mercado e trabalho metropolitano” (2005) descreveu que o Brasil passou por diversas transformações econômicas nos últimos anos, fato que atingiu em particular a população mais jovem, pois houve um desfavorecimento à evolução do emprego e da força de trabalho que gerou perdas de postos de trabalho e conseqüentemente um excedente de mão de obra. (2005, p.2-7).

Neste cenário já desfavorável aos cidadãos em geral, os jovens demonstram ser a parcela mais suscetível nesta problemática, uma vez que estão em fase de formação e aprendizagem e iniciando suas buscas pelo trabalho, o que torna a situação apontada como um fator restritivo de chances às oportunidades disponíveis no mercado de trabalho.

Conforme também indica o DIEESE “O problema do desemprego é, no entanto, mais grave para jovens com atributos pessoais específicos.” (2005, p.2). Neste documento lê-se que o padrão de inserção dos jovens oriundos de determinados grupos socioeconômicos menos favorecidos economicamente e pela região de domicílio, bem como outros atributos pessoais como idade e sexo se mostram ainda menos favoráveis a estes grupos em particular, sendo sua inserção sempre menor do que a dos jovens de famílias com maior poder aquisitivo.

É o que demonstra e reforça o trecho extraído desta mesma pesquisa:

“Chama a atenção o fato de o desemprego ser uma forma de exclusão que adquire proporções preocupantes entre a população jovem de todas as áreas urbanas

pesquisadas, no entanto, recai particularmente sobre o grupo etário de 16 a 17 anos, as mulheres, jovens residentes nas regiões metropolitanas do nordeste do Brasil e aqueles pertencentes às famílias de mais baixa renda.” (2005, p.7).

A explicação apontada para esta diferenciação é o fato de que os jovens de famílias com maior poder aquisitivo conseguem ter melhor acesso à educação, tendo, muitas vezes, mais anos de estudos e também maior acesso a cursos de preparação, o que os coloca em condição vantajosa na disputa por um bom emprego. (2005, p.9).

Para complementar se faz necessário uma verificação do atual quadro social em que se encontram os jovens brasileiros para analisar a necessidade de colocá-los na condição de destinatários destas políticas, programas e projetos.

Segundo informações do Plano Nacional da Juventude – Projeto de Lei 4.530/2004 consta que em pesquisa inédita do SEBRAE [Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas] denominada “Perfil da Juventude Brasileira” onde 3501 jovens de 15 a 24 anos foram entrevistados, que estes relataram como seu principal foco de interesse a educação e o emprego: 38% apontaram que ir a escola, fazer vestibular e cursar uma faculdade são seus maiores interesses.

Segundo apontam também alguns dados constantes no plano supracitado “...o Brasil é o quinto país no mundo com maior percentual de jovens em sua população. “ São 51 milhões entre 10 e 24 anos (30%do total de habitantes), sendo que 8 milhões de adolescentes tem baixa escolaridade e que “...3.3 milhões não frequentam a escola”. Diz ainda o relatório de Desenvolvimento Juvenil (2003) da UNESCO que o percentual de jovens desta faixa etária que frequentam a escola é inferior a 50% na maioria dos Estados brasileiros e que esta porcentagem vai diminuindo conforme aumenta a faixa etária, sendo o Ensino Médio o representante da maior distorção entre série e idade (Costa, 2007, p. 187, p.188).

Há ainda neste relatório “Alguns números sobre jovens que revelam a necessidade da implantação imediata de políticas públicas de juventude: 1,3 milhão de analfabetos; 17,5 milhões não frequentam a escola e desses apenas 5,3 milhões concluíram o Ensino Médio; Este mesmo relatório demonstrou também que “O Brasil é um país de poucos portadores de diplomas universitários, concentrados numa elite: apenas 6,8% da população com mais de 25 anos concluiu a Educação Superior.” (Costa, 2007, p. 187,188).

Segundo ainda dados coletados do periódico Caderno Ruth Cardoso (2011) sobre a população jovem de 16 a 24 anos mostram que este grupo “...constitui o principal segmento dentre os desempregados na RMSP [Região Metropolitana de São Paulo] durante toda a década de 2000.” (2011, p.20).

Entretanto, conforme o mesmo periódico aponta, outros fatores ajudam a constituir este montante, sendo um destes as chamadas variáveis demográficas que apontam para uma diminuição das taxas de mortalidade entre 1945 e 1955 e ainda variações nas taxas de natalidade entre 1960/80, quando ocorreram momentos de aceleração e estabilização desta taxa. Como consequência a estes fatores o perfil etário na década de 2000 apontou para um aumento na população adulta e idosa e uma redução dos mais jovens no cálculo da população em idade ativa (PIA). (2011, p.20 e p.21).

Dentre os jovens que estão computados no contingente em idade economicamente ativa há um número grande de desocupados e várias são as causas para este problema, sendo algumas mais frequentes como: baixa escolaridade, falta de experiência anterior e recessão econômica.

Segundo apontam dados recentes da UNICEF:

O Censo 2010 mostra que o percentual de jovens de 18 a 24 anos que não concluíram o ensino médio e que não estudavam chegava a 36,5%. Mais da metade (52,9%) abandonaram os estudos sem completar o ensino fundamental.

Conforme apontado na PNAD [Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios] em 2011 apenas "...62,7% dos adolescentes com 16 anos concluíram o ensino fundamental. Esta mesma pesquisa demonstra ainda que "Entre os jovens de 19 anos, apenas 48,7% terminaram o ensino médio." (Costa, 2007, p. 189).

Portanto, de acordo com os números apresentados, se faz urgente a realização de ações e políticas públicas que se proponham a conter problemáticas como a baixa escolaridade, a evasão escolar e outros fatores que diminuem as chances de perspectivas dos jovens, uma vez que mediante aos percentuais apresentados acima, estes jovens podem, por exemplo, se submeter a trabalhos em subempregos ou em condições de informalidade que podem contribuir para sua exclusão, elevando as chances de marginalidade e delinquência que são recorrentes nas periferias brasileiras.

Outra característica bastante recorrente da juventude que é público alvo de Programas e Projetos Sociais similares aos citados neste trabalho é a condição de vulnerabilidade social que pode ser descrita como um conjunto de condições formado por classe socioeconômica, região e local de habitação, bem como questões relacionadas à constituição e convivência familiar e que os coloca em "...uma posição de desvantagem frente ao acesso às condições de promoção e garantia dos direitos de cidadania..." (Guareschi et al., 2007, p. 20).

## CAPÍTULO 2. O TRABALHO COMO UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL

---

A diferença entre o desenvolvimento de uma determinada nação em comparação a alguma outra se dá muitas vezes por questões culturais que envolvem os valores reconhecidos por cada sociedade e que passa por sua organização, crença, situação socioeconômica, suas noções de bem estar social e outros. Estas questões podem demonstrar a importância da cultura como um fator determinante para o desenvolvimento do trabalho humano em determinada região.

Pode-se afirmar ainda que este aspecto se aplica plenamente aos jovens inseridos nestas realidades sociais que envolvem também família, escola e comunidade em geral com seus apelos midiáticos e consumistas e que contribuem sobremaneira nas futuras relações que estabelecerão com o mundo do trabalho.

Lewis (1961, *apud* Costa, 2007, p.30) em seu conceito sobre a “cultura da pobreza”, explica que há:

...um conjunto de características que, segundo acredita, fazem parte da visão de si mesmas e do mundo das pessoas que vivem em bolsões de pobreza envolvendo aspectos como: Crença no destino e na sorte de cada um; Dificuldade em lidar com tarefas a longo prazo; Aceitação das leis do mais forte e do mais esperto; Imediatismo, gerando incapacidade de adiar gratificações e assumir tarefas e objetivos a longo prazo; Baixos níveis de autoestima, autoconceito e autoconfiança.

Conforme Costa (2007) identificou tais características também podem ser identificadas no pensamento dos jovens em situação de acentuada vulnerabilidade que são atendidos por projetos e programas sociais em várias

regiões e assim entendidas como um traço cultural que deve considerado por quem trabalha com este público.

Entretanto, como afirma este mesmo autor em vez de olhar estes jovens pelo ângulo do que eles não sabem, não tem, não são e não trazem consigo, é necessário procurar identificar suas forças no que eles são, do que sabem e trazem consigo e do que são capazes de fazer.

Nesta premissa se apoiam algumas instituições que apostam na juventude e em seu potencial, em seus valores e no desenvolvimento para inserção no mundo do trabalho como via de emancipação individual e coletiva dentro do conceito de cidadania plena e no direito de ter direitos.

## 2.1. Sobre a Cultura da Empregabilidade

A cultura da empregabilidade abrange um conjunto de ferramentas, estratégias e mudanças como elaboração e gerenciamento de um projeto de vida, acesso e identificação com tecnologias vigentes, formação e requalificação constante, relacionamento intra e interpessoal que garantem um bom networking, etc.; Estes fatores, entre outros, propõem por meio de um trabalho social e educativo viabilizar a promoção de seu desenvolvimento constante e crescente no âmbito pessoal, social e produtivo para integrar um Mundo do Trabalho que está em constante mudança e que requer também uma constante adaptação.

Gadotti (2005, p.194) afirma que "Para Bourdieu, a origem social marca de maneira inevitável e irreversível a carreira escolar e, depois, profissional, dos indivíduos."

Bourdieu acreditava que determinados grupos sociais detinham o poder simbólico que definia aspectos sociais como valores, linguagem, arte e cultura e conhecimentos gerais, entre outros, que eram incorporados na medida em que este grupo se sobressaía sobre outros grupos, tornando-se formas de aceitação e convivência social. Fazia parte do grupo dominante, o indivíduo obtivesse maior capital acumulado, podendo ser entendido como capitais aspectos econômicos, culturais e sociais que determinavam a sua posição na sociedade. (Ferrari, 2011)

Para Schultz (1987, *apud* Lemos et al, 2009, p. 371) a teoria elaborada por Bourdieu que defende o investimento na educação e aprendizagem de maneira geral (cursos livres, profissionalizantes, técnicos, tecnológicos e superiores), ou seja, o capital cultural, como fator que elevaria muito ou até garantiria as chances de mobilidade social através da possibilidade aumentada de inserção no mundo do trabalho e seria a válvula propulsora para o sucesso econômico do indivíduo, porém sabe-se hoje que o capital cultural seria apenas um dos fatores, uma vez que outros fatores como networking, inteligências

múltiplas, boas relações interpessoais e intrapessoais e flexibilidade também contam muito para o sucesso em qualquer área de atuação.

De acordo ainda com boletim publicado pelo Fundap-Cebrap (2008) a boa parte da população acredita que cursos profissionalizantes são mais eficazes que o ensino superior para conseguir emprego, porém há uma dicotomia quanto ao acesso a estes cursos, pois a parcela da população que tem acesso não está entre o grupo da população que mais necessita, ou seja, o acesso ainda é restrito a quem tem mais escolarização e acesso a informação.

Entretanto se sabe que os que mais necessitam desta qualificação para ingressar ou mesmo se manter no mercado de trabalho, não chegam a se beneficiar dos cursos oferecidos por determinadas instituições de qualificação e profissionalização, ora por não ter o aporte exigido para o ingresso, ora por não ter acesso aos meios de participar destas oportunidades.

Contudo a ideia de que estes cursos são fundamentais para obter uma oportunidade de trabalho parece fazer parte de todas as faixas socioeconômicas pesquisadas sendo que nas pesquisas 95,5% das 1.122 pessoas ouvidas, com 18 anos ou mais e de diversos extratos da população, declarou conforme dados apontados neste mesmo boletim (Fundap-Cebrap) que:

“...os cursos de profissionalização ajudam a encontrar, melhorar ou preservar o trabalho e a renda.”( 2008, p.1).

Outro fator importante deste artigo indica o maior reconhecimento da população a cursos tradicionais como os ministrados pelo Sistema S (SESC, SESI, SENAI, SENAC) em um patamar mais elevado dos cursos garantem maior qualidade e mais chances de sucesso. Entretanto a situação para determinados grupos pode se apresentar um pouco diferente:

“O cruzamento das percepções de qualidade com as condições de renda e escolaridade mostra um quadro particularmente perverso em termos de acesso aos melhores cursos. São justamente os

mais pobres, com menos escolaridade e com necessidade premente de qualificação que tendem a cursar as instituições menos prestigiosas – 44% dos que fizeram seu curso em associações, igrejas, comércios e escolas tinham até um salário mínimo como renda familiar per capita.”(Boletim Fundap-Cebrap, 2008, p.3.)

Constatações como as demonstradas até o momento apontam para a necessidade de investimento conjunto em uma ação Inter setorial entre políticas públicas da educação e da assistência social pela oferta de mais cursos em equivalência de qualidade e oferta de capacitação para esta parcela populacional que necessita destes cursos de maneira mais urgente e determinante.

## CAPÍTULO 3. SOBRE PROCESSOS AVALIATIVOS E SEUS CONTEXTOS

---

Procurou-se neste capítulo realizar uma elucidação sobre a necessidade do processo avaliativo em Organizações da Sociedade Civil e seus programas e projetos sociais.

Existem hoje no terceiro setor, os mais diversos tipos de instituição com bases também diversificadas e distintas de origem e sustentação. Estas instituições são popularmente chamadas de ONG's (Organizações Não Governamentais) e podem ser reconhecidas como associações da sociedade civil, instituições e fundações; Se caracterizam ainda por não ter fins lucrativos e atuar com Projetos e Programas voltados a determinados grupos sociais.

Seus mantenedores ou fundadores podem vir de diversos setores da sociedade como o religioso (Base eclesial), o empresarial (Institutos, Fundações e Clubes de empresários como Rotary's e Lion's, etc.), e ainda as instituições de bases comunitárias criadas por movimentos sociais e com foco de atuação mais amplo como: Causa Ambiental, Garantia de Direitos (mulheres, idosos, crianças, negros, pobres, etc.). (Costa, 2007)

Como financiadores estas instituições podem ter grupos da iniciativa privada como empresários de setores diversos (comércio, serviços, indústria), doações da sociedade civil em geral, dos editais aos quais concorrem periodicamente com projetos, prêmios e parcerias e também das audiências públicas as quais podem concorrer ao estabelecimento de parcerias com órgãos e secretarias públicas (municipais, estaduais ou federais) e que geram subsídio governamental parcial ou total.

Estas instituições podem ter ainda uma base empresarial e realizar projetos e programas voltados à prevenção, combate e minimização de problemáticas sociais nas áreas de educação, saúde, trabalho e assistência

social atendendo a população que se encontra em situação de risco e vulnerabilidade, sendo apoiadas por órgãos governamentais por meio de políticas públicas voltadas a estas demandas.

Segundo justificam também Gambardella et. al.:

Independente de as organizações da Sociedade Civil representarem respostas à inoperância governamental ou mesmo uma expressão política da sociedade civil ou ainda um entrave democrático travado na década de 1970 como Regime Militar, hoje elas merecem atenção ímpar. (2004, p.1).

O processo de avaliar se mostra como ferramenta importantíssima para projetos e programas sociais uma vez que estes tendem a receber subsídios e recursos públicos e privados que requerem constante prestação de contas com necessidades de indicadores de resultados dos mais diversos âmbitos, podendo ser avaliados desde o desempenho financeiro da entidade até a qualidade de trabalho dos colaboradores e ainda o impacto social provocado nos beneficiários pela ação destas entidades na região em que atuam.

A avaliação funciona como um meio de indicar ações emergentes, bem como políticas para melhorias e resolução das problemáticas sociais que vão de encontro aos objetivos das organizações da sociedade civil e das empresas em geral.

Rico (1998) afirma que a concepção geral que se tem no campo social sobre avaliação seja de uma prática de “controle externo” ou ainda uma forma de auditar ou mesmo prestar contas aos superiores deixando, muitas vezes, de lado uma possível devolutiva à comunidade ou mesmo do público alvo que é usuário dos serviços sociais (p.88).

Entretanto, o que se pôde verificar é que, entre as diversas demandas que ocasionam esta ação, a avaliação serve para medir a qualidade dos serviços sociais prestados, estabelecendo valores, desigualdades, hierarquias e deve sempre estar atrelada a estratégias, sendo justificada como uma forma

provisionar ações futuras e combater possíveis erros ao invés de apontá-los ou simplesmente justificá-los.

Barreira e Carvalho (2001) consideram que quando se fala em avaliação, deve-se pensar que fazê-lo levando em consideração que esta ação não significa necessariamente resolver as problemáticas sociais e sim identificá-las e apontá-las para assim iniciar uma busca para possíveis maneiras de minimizar ou mesmo resolvê-las. Afirmam ainda que a avaliação não pode ser valorizada pelo simples fato de ocorrer e deve ser encarada como uma possibilidade de “reflexão crítica da ação e possibilidade de disputas e conquista dos resultados idealizados”.

Sobre os objetivos que levam à realização da avaliação Barreira e Carvalho (2001) indicam que podem ser vários como: adquirir novos conhecimentos, investigar, realizar verificação de hipóteses levantadas bem como checar a “...relação entre condições, meios, resultados e impactos da intervenção.” Outro objetivo muito citado nesta e em outras pesquisas é a aferição da eficácia e eficiência das ações realizadas.( p. 17 e 18).

Entre as diversas formas de avaliar descritas destacaram-se algumas como: o método de fiscalização orçamentário-financeira também chamado de Balanço Social, a avaliação dos três “Es”: eficácia, eficiência e efetividade, e ainda o método de avaliação formativo que, em geral, é dividido em três segmentos básicos: Avaliação Ex-Ante, Avaliação de Monitoramento e Avaliação Post-Facto, entre outras.

As duas formas clássicas de avaliações mais citadas são a avaliação ‘ex ante’ que precede o início do programa ocorrendo entre as fases de preparação e a formulação dos mesmos sendo chamada também de avaliação marco zero ou avaliação diagnóstica, esta avaliação auxilia na comparação de resultados em avaliações futuras. Já a avaliação ‘ex post’ é feita geralmente durante o andamento ou imediatamente após o fim do programa auxiliando na verificação dos graus de eficiência, eficácia e do atingimento do objetivo destes. (Barreira e Carvalho, 2001, p.19).

Contudo identificaram-se comparações que estabeleceriam um modo de mensurar a maior ou menor qualidade de determinado item ou ação, embora também tenham sido identificados que não há um método ou modelo genérico para avaliar projetos, ou seja, cada qual tem sua especificidade e, muitas vezes, cabe a cada instituição a tarefa de criar ou adaptar o processo de avaliação mais funcional às suas demandas.

É importante destacar que a avaliação, bem como o método adotado para tal, deve constar da proposta do projeto social e de seu plano de trabalho permeando toda sua estrutura.

Gambardella et al (2004) afirmam que o crescimento de estudos sobre avaliação se deram por conta da necessidade de identificar problemas referentes à implantação e manutenção que costumam levar a falência precoce dos projetos que já apresentam históricos de escassez de recursos de toda ordem. (p. 3).

Segundo também acreditam Gambardella et al:

O processo avaliativo leva a um autoconhecimento por parte da OSC, a uma estruturação de caráter ético, a uma melhora da técnica do setor administrativo e financeiro e, sobretudo, à idoneidade, à competência técnica e ao acúmulo de experiências. Além disso, com o exercício do processo avaliativo, a OSC deterá maior credibilidade e visibilidade, aumentarão suas chances de estabelecer trabalhos em rede, otimizará recursos e, num processo de concorrência de agências de financiamento, terá um diferencial competitivo. (2004, p. 11)

Para Barreira e Carvalho (2001) a avaliação é um dever ético capaz de remodelar as políticas, programas, projetos ou mesmo reforçar suas ações para continuidade das ações sociais propostas e estabelecidas.

Gambardella et al corroboram que “A avaliação é, portanto, um dever ético, com importância estratégica e indispensável para a captação de

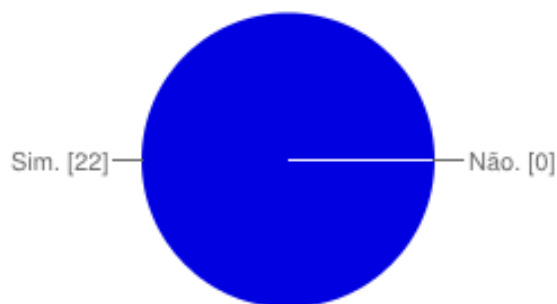
recursos; ela é indispensável para a melhoria das tomadas de decisão e ações sociais.” (Gambardella et. al., 2004, p.4).

## CAPÍTULO 4. AVALIANDO RESULTADOS

---

Foram convidados 66 jovens de ambas as instituições citadas para responder voluntariamente ao formulário de pesquisa conforme modelo em anexo, não sendo determinado número fixo de participação por entidade. Deste grupo houve resposta de 22 formulários.

Foi solicitado aos jovens entrevistados que, para iniciar sua participação nesta pesquisa, lessem texto explicativo com o termo de aceite e caso concordassem, respondessem positivamente como demonstrado em gráfico a seguir:

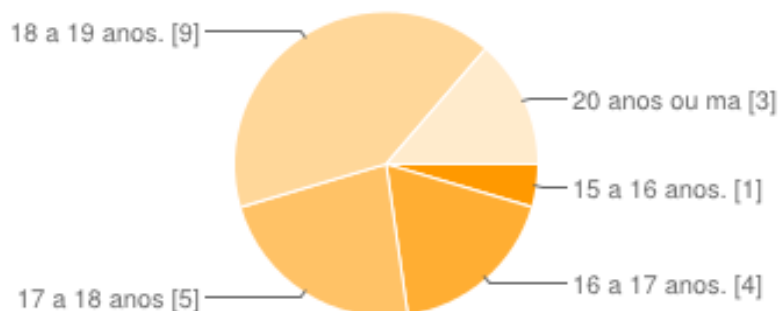


Sim.	<b>22</b>	100%
Não.	<b>0</b>	0%

A partir deste aceite, as perguntas seguintes trataram de questões que diziam respeito as características pessoais dos jovens como idade, gênero e escolaridade para que se pudesse verificar entre os entrevistados as características de juventude referentes ao público proposto para esta pesquisa.

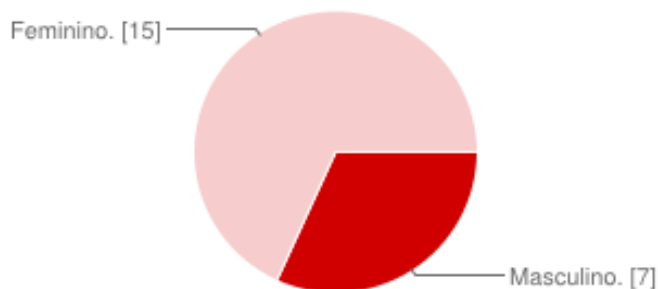
O que foi constatado é que a minoria dos jovens apresentou idade entre 15 e 16 anos representando 5% dos entrevistados, seguidos por 14% dos entrevistados com 20 anos ou mais. No mesmo gráfico foi demonstrado ainda que 18% têm entre 16 e 17 anos e 23% tem entre 17 e 18 anos e 41% com

idade entre 18 e 19 anos, estes últimos representando a maioria dos entrevistados conforme dados que seguem:



15 a 16 anos.	<b>1</b>	5%
16 a 17 anos.	<b>4</b>	18%
17 a 18 anos	<b>5</b>	23%
18 a 19 anos.	<b>9</b>	41%
20 anos ou mais.	<b>3</b>	14%

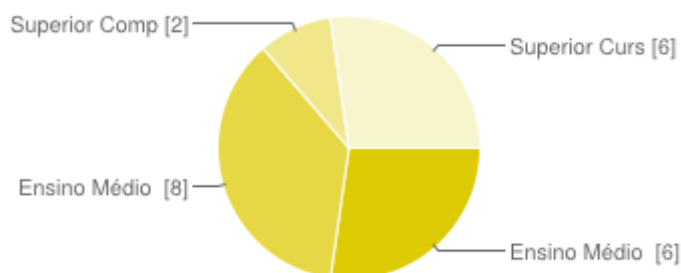
Os dados demonstram também que a maioria dos jovens entrevistados é do gênero feminino conforme indicam os gráficos e tabelas a seguir:



Feminino.	<b>15</b>	68%
Masculino	<b>7</b>	32%

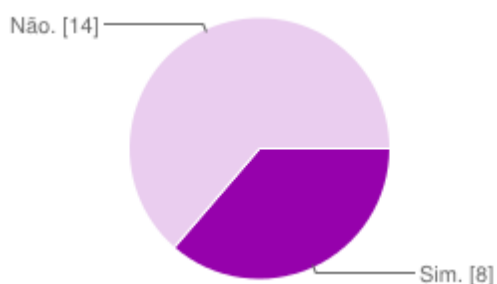
Com relação à escolaridade destes jovens foi identificado que estão em diversos níveis e etapas de estudos, apresentando grupos que estão no ensino médio cursando (27%) e grupos com ensino médio completo (36%). Há também jovens que estão com o curso superior em andamento (27%) e ainda

uma pequena parcela que já concluiu o ensino superior (9%) conforme dados a seguir.



Ensino Médio cursando.	<b>6</b>	27%
Ensino Médio completo.	<b>8</b>	36%
Superior cursando.	<b>6</b>	27%
Superior completo.	<b>2</b>	9%

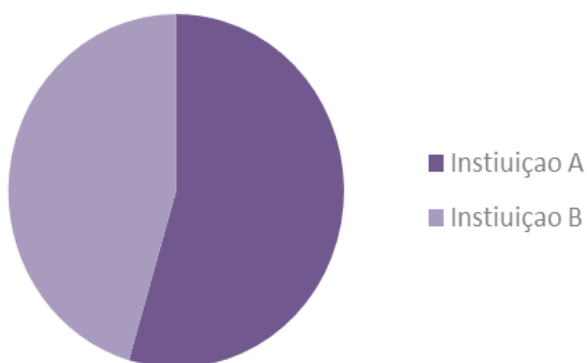
Quando perguntados sobre o ingresso em cursos superiores as respostas dos jovens foram compatíveis com os níveis de formação apontados no índice anterior em que 8 jovens (36%) ingressaram em algum curso de nível superior enquanto 14 jovens (64%) afirmaram não ter ainda ingressado em nenhum curso superior conforme demonstra gráfico abaixo:



Sim.	<b>8</b>	36%
Não.	<b>14</b>	64%

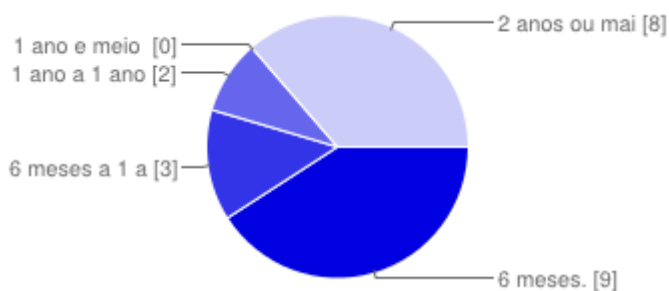
Sobre o local de formação houve um equilíbrio em relação ao número de entrevistados referente às instituições em que realizaram os cursos de

capacitação profissional, embora as respostas tenham ocorrido de forma aleatória e sem determinar o número de participantes por entidade, conforme pode se verificado no gráfico abaixo:



Instituição A.	<b>12</b>	<b>55%</b>
Instituição B.	<b>10</b>	<b>45%</b>

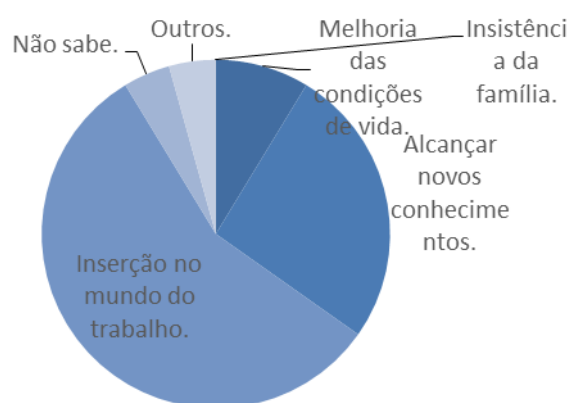
Quando foram perguntados há quanto tempo finalizaram os cursos de formação as respostas dos jovens variaram bastante conforme demonstram os números a seguir:



6 meses.	<b>9</b>	<b>41%</b>
6 meses a 1 ano.	<b>3</b>	<b>14%</b>
1 ano a 1 ano e meio.	<b>2</b>	<b>9%</b>
1 ano e meio a 2 anos.	<b>0</b>	<b>0%</b>
2 anos ou mais.	<b>8</b>	<b>36%</b>

Sobre as motivações que levaram os jovens a procurar cursos de formação profissionalizante, os motivos apontados foram diversos entre os quais o maior destaque apontado foi para inserção no mundo do trabalho com 12 respostas (55%) enquanto 6 jovens (26%) apontaram que desejavam obter mais conhecimento e 2 jovens (9%) disseram buscar melhoria em suas condições de vida por meio deste aprendizado. Apenas 1 dos jovens (5%) afirmou não saber qual motivo o levou a participar das formações e também 1 jovem (5%) não apontou os reais motivos para a realização da formação.

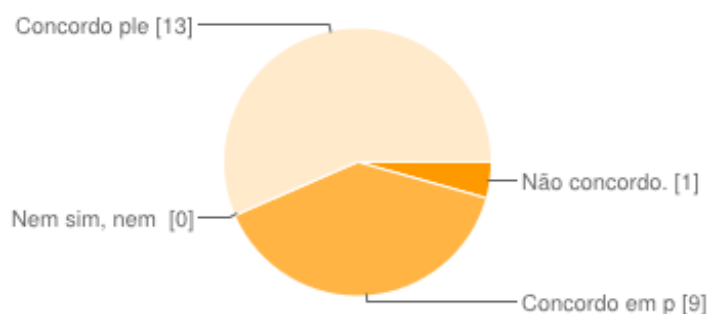
Um dado relevante desta questão é que nenhum jovem afirmou ter realizado o curso por insistência da família, o que sugere que houve procura autônoma por estas formações conforme demonstra gráfico e tabela a seguir.



Insistência da família.	<b>0</b>	0%
Melhoria das condições de vida.	<b>2</b>	9%
Alcançar novos conhecimentos.	<b>6</b>	26%
Inserção no mundo do trabalho.	<b>12</b>	55%
Não sabe.	<b>1</b>	5%
Outros	<b>1</b>	5%

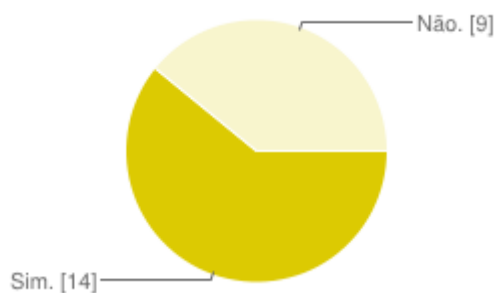
Sobre o impacto provocado em suas vidas pela escolha e realização dos cursos de formação em questão a maioria (57%) concordou plenamente que

houve impactos enquanto um grupo menor (39%) concordou em partes que houve algum impacto. Um jovem (4%) discordou da afirmação e negou que houve algum impacto por conta desta formação; No entanto não houve nenhum que se absteve de responder a esta questão. Estes resultados podem ser analisados no gráfico a seguir:



Concordo plenamente.	<b>13</b>	57%
Concordo em parte.	<b>9</b>	39%
Nem sim, nem não.	<b>0</b>	0%
Não concordo.	<b>1</b>	4%

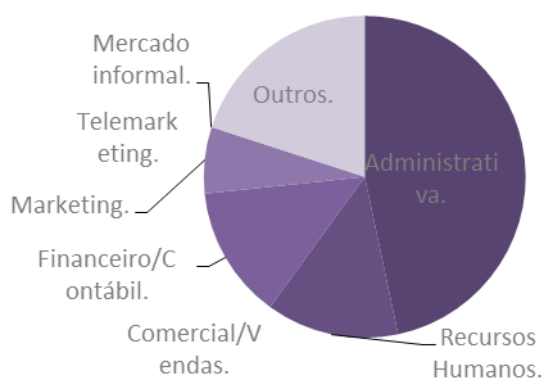
Quando perguntados se estavam trabalhando no momento houve maioria de respostas positivas com 14 jovens ocupados (61%) e 9 jovens sem trabalho (39%) conforme demonstra gráfico a seguir.



Sim.	<b>14</b>	61%
Não.	<b>9</b>	39%

Aos jovens que estavam trabalhando no momento desta pesquisa foi perguntado também em qual área estavam e houve respostas variadas indicando diversas áreas de atividade e conhecimento, como pode ser observado todas ligadas direta ou indiretamente à formação que receberam.

Entretanto um dado desta questão merece destaque: houve 20% de respostas na opção 'outros', o que pode indicar um direcionamento profissional diferente do esperado para o pós-curso que é de nível médio e também pode indicar que estes jovens já estejam trabalhando nas áreas escolhidas para seguir carreira e relacionadas aos cursos de formação superior, o que não ocorre necessariamente na mesma área em que realizam a formação profissionalizante, uma vez que esta pode ser o fator que os impulsiona e indica o caminho a ser trilhado, conforme demonstra o gráfico abaixo.

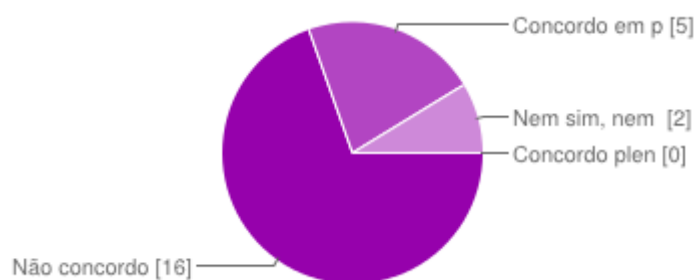


Administrativa.	7	47%
Recursos Humanos.	2	13%
Comercial/Vendas.	0	0%
Financeiro/Contábil.	2	13%
Marketing.	1	7%
Telemarketing.	0	0%
Mercado informal.	0	0%
Outros.	3	20%

Com relação às expectativas que tinham sobre o curso foi perguntado se tiveram alguma frustração referente à formação que realizaram e como resposta constatou-se que um maior número de jovens (70%) não concordou que tenha havido alguma frustração.

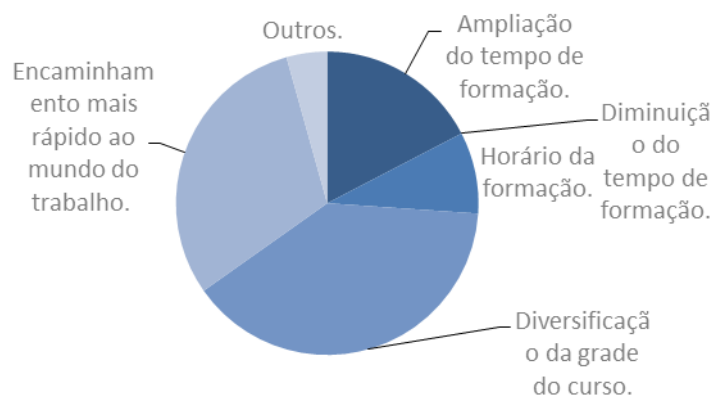
Houve ainda um pequeno grupo que concordou em parte que tenha havido alguma frustração (22%), o grupo menor (9%) respondeu a questão como 'nem sim, nem não' demonstrando não ter opinião formada sobre esta questão.

Houve também um item desta questão em que foi perguntado se alguém concordava plenamente que havia se frustrado com as formações propostas e para esta questão não houve resposta, o que demonstra que nenhum jovem se frustrou plenamente com os cursos em questão conforme gráfico abaixo.



Não concordo.	<b>16</b>	70%
Concordo em parte.	<b>5</b>	22%
Nem sim, nem não.	<b>2</b>	9%
Concordo plenamente.	<b>0</b>	0%

Foi também perguntado o que poderia ser melhorado nos cursos de formação que realizaram e as respostas foram diversificadas conforme pode ser visto no gráfico a seguir.



Ampliação do tempo de formação.	<b>4</b>	<b>17%</b>
Diminuição do tempo de formação.	<b>0</b>	<b>0%</b>
Horário da formação.	<b>2</b>	<b>9%</b>
Diversificação da grade do curso.	<b>9</b>	<b>39%</b>
Encaminhamento mais rápido ao mundo do trabalho.	<b>7</b>	<b>30%</b>
Outros.	<b>1</b>	<b>4%</b>

Foi solicitado na pergunta de número 9 (nove) conforme anexo que os jovens tentassem responder em uma ou duas palavras que lhes viesse à mente, o que esperavam encontrar nestes cursos e se era possível relembrar quais eram suas maiores expectativas antes de iniciar os cursos em questão e houve as seguintes respostas:

“Esperava encontrar mais conhecimento que no mundo afora não era possível encontrar...”

“Esperança de um bom emprego, experiência curricular.”

“Minhas expectativas em relação ao curso era [sic] poder adquirir novos conhecimentos que me capacitasse e me orientasse para que eu pudesse ingressar no primeiro emprego.”

“Eu esperava encontrar informações e para ampliar meus conhecimentos.”

“Conseguir um emprego.”

“Esperava encontrar conhecimento necessário para entrar no mercado de trabalho, preparada para novos desafios.”

“Qualificação para o primeiro emprego.”

“Eu não sabia o que o curso iria abordar, mas sabia com certeza que seria algo diferente da escola, fiquei ansioso para começá-lo logo.”

“sensacional [sic] Minhas expectativas foram supridas.”

“Vitória, sucesso.”

“Auto-conhecimento [sic] e encaminhamento para o mercado de trabalho.”

“Aperfeiçoamento e chance de inserção no mercado de trabalho.”

“Pelo que me lembro não tinha uma ideia muito bem formada sobre o curso de Capacitação. Tinha ideia sim, que ia aprender algumas coisas que me ajudariam e que seria um auxílio para me inserir no mercado de trabalho, mas não algo formado e concreto e quando começaram as aulas me surpreendi muito e comecei a amar o curso...”

“Determinação e aprendizagem.”

“mais [sic] oportunidades.”

“Esperava encontrar conhecimentos para me ingressar [sic] no mundo do trabalho.”

“Tinha muita expectativa se iria conseguir conciliar escola e o curso, mais [sic] ao mesmo tempo tinha certeza que seria muito bom para mim, pois já conhecia pessoas que haviam feito o curso.”

“CONHECIMENTO E OPORTUNIDADES duas palavras que definem o que o curso trouxe para mim.”

“Conhecimento. Responsabilidade.”

“Conhecimento. Realização profissional.”

“Novas coisas para aprender.”

“Com os aprendizados eu esperava decidir a profissão que vou ter, que é bióloga!” [sic]

Para finalizar o formulário de pesquisa foi deixado um espaço na questão de número 15 (quinze) conforme anexo, para comentários e observações que os jovens julgassem pertinentes ou mesmo para escrever sobre algo que não foi perguntado. Como resultado desta questão as respostas foram as seguintes:

“O curso me ajudou a conquistar meu primeiro emprego, me ensinando desde o princípio e as coisas mais básicas das quais eu precisava saber para ingressar no "mundo do trabalho", me abriu novos horizontes um dos quais a escolha da minha formação superior na qual curso hoje em dia Gestão de Recursos Humanos, me deu a oportunidade do primeiro emprego em um Banco, no qual consegui evoluir e crescer profissionalmente e me encontro trabalhando ainda, passando assim da fase aprendiz a um a uma efetiva bancária. ótima.”

“O curso...serviu muito para a minha formação profissional. Consegui ingressar no mercado de trabalho como aprendiz de um banco internacional, terminei agora o contrato e já fui a outro banco. Estou muito feliz e sou grato por tudo.”

“Bom, eu era muito presente em todas as tarefas oferecidas no curso, e esperava ter um melhor retorno após ter concluído. Mas, é um excelente curso profissionalizante, e acho que vale a pena todos fazerem.”

Creio que minha participação tenha sido boa, pois tudo que nos propuseram a fazer foi feito, e até pelas broncas, os erros e acertos, foi assim que aprendi, valeu a pena, perder algumas tardes de sono depois da escola pra hoje estar aqui, há mais de um ano trabalhando e a maioria dos meus colegas de turma também.”

“Da melhor forma, participei e tudo e ajudei ao máximo.”

“Muito produtiva. O curso me ajudou a desenvolver meu lado tímido, lá consegui superar alguns medos como falar em público, conseguir amizades, e também no comportamento social.”

“Durante o curso evolui muito em várias questões pessoais e profissionais. Os grupos e a simulação de áreas de uma empresa, foi fundamental também [sic] para minha formação e visão geral sobre a mesma. Minha carga de responsabilidade passou a aumentar a partir daí. Horários e prazos para entrega de trabalhos e apresentações. Tudo era muito legal e muito profissional. Trabalhos, dinâmicas, apresentações. Agora posso ver como tudo foi fundamental para minha vida profissional e pessoal.”

“A única coisa que tenho a dizer, é MUITO OBRIGADO, pois o que eu sou hoje foi principalmente pelo que aprendi...”

“Bom, para mim foi uma experiência em tanto [sic], pois me trouxe muita coisa boa em relação a formação. Comecei trabalhar...achei muito bacana, se pudesse voltaria ao tempo, porém achei um pouco de injustiça, me desligarem pelo fato de não ter estrutura para aprendiz no emprego, se o curso é voltado para jovem aprendiz, o fato deles falarem que não tinha estrutura não me convenceu nenhum pouco, esperava ficar ao menos os dois anos trabalhando lá, se possível ser efetivada depois do tempo de contrato. Foi feita a quebra de contrato em quatro

meses e assim não consigo mais emprego pela instituição. “

“Boa experiência que tenho usado atualmente.”

“Senti uma diferença gritante em minha formação. Exemplo claro foi quando fui chamado para uma entrevista e pude ver a diferença de estar preparado para entrar e encarar uma entrevistadora diante de dinâmicas e perguntas afiadas, Graças a Deus passei.”

“Obrigado pelos aprendizados, e muito sucesso na sua vida pessoal e profissional!”

“Tudo que vimos e treinamos em sala de aula é muito bem desenvolvido na rotina de trabalho. Agradeço a Deus por ter colocado tais pessoas na minha vida. Instrutora Vanessa, e meus colegas que tanto sinto falta um grande abraço e que Deus abençoe a todos!”

“beijos [sic] sem comentários.”

“Ótima. Minha participação foi razoável, hoje sinto que poderia ter me comprometido mais com o curso e assim ter evoluído ainda mais.”

“Bom, eu só tenho a agradecer...as instrutoras, principalmente a Vanessa, que foi quem passou mais tempo com a nossa turma 155, esse curso mudou a vida de muitos jovens, inclusive a minha, indico para todos que façam pois não iram [sic] se arrepender, além de abrir nossos olhos para o mundo do trabalho, mudamos nossos pensamentos em relação há outras coisa, como visão de mundo, ser mais solidários com as pessoas, entender as diferenças, e claro conseguir nossa instabilidade [sic] financeira!”

“Foi boa, apesar de que [sic] poderia me dedicar mais. Porém o que aprendi e levo até hoje é muito importante.”

“Em todo o curso eu procurei aproveitar ao máximo, minha participação foi realmente notável, pois sempre me esforçava para dar o melhor de mim.”

“A minha formação pessoal refletiu no meu comportamento em relação ao profissionalismo, assim como na visão de mundo. Todos de certa forma estão interligados.”

## CONCLUSÃO

---

Pode-se concluir com este trabalho que há sim uma transformação notável na vida dos jovens que se propuseram a participar destes cursos intitulados 'preparatórios e/ou profissionalizantes', pois embora nem todos os jovens entrevistados estejam inseridos no mundo do trabalho no momento ou mesmo estejam em um curso de graduação, todos demonstraram ter como foco a melhoria de vida por meio dos conhecimentos adquiridos e da preparação e inserção no mundo do trabalho.

Nota-se ainda que os jovens analisados em sua maioria, buscam estes cursos visando além do conhecimento e aprendizagem, uma oportunidade de inserção no mundo do trabalho, pois eles acreditam que esta seja a porta de entrada para uma melhor qualidade de vida proporcionada pela melhoria de suas condições socioeconômicas.

Verifica-se também que o nível de frustração foi quase nulo no que diz respeito às formações ou se apresentou em condições pós-formação e se refere às expectativas não atendidas ou atendidas parcialmente após inserção no mundo do trabalho, pois este apresenta condições práticas novas para a rotina dos jovens, que obtiveram o conhecimento teórico, mas não conheceram a prática em si, o que muitas vezes se torna um fator que dificulta sua adaptação ou mesmo permanência no trabalho.

Entretanto a maioria dos jovens entrevistados demonstra ter alcançado ou estar no caminho considerado correto para alcançar seus objetivos, pois todos estão estudando dentro do nível escolar condizente com suas idades, existindo um pequeno grupo que já até se formou em cursos de nível superior.

Além disso, uma boa parte do grupo analisado está inserida no mundo do trabalho em áreas e empregos que podem vir a proporcionar uma oportunidade de carreira para eles.

Por conta destes aspectos analisados até o momento pode-se dizer que houve mudanças positivas e realização dos desejos dos jovens em questão, embora tenha sido considerado qualitativamente um grupo de número determinado e que representa os jovens que procuraram e obtiveram formação nas entidades analisadas.

Contudo, ao analisar as respostas obtidas na pesquisa do presente trabalho, pode-se afirmar que houve um impacto social positivo na vida destes jovens e que os cursos 'preparatórios e/ou profissionalizantes' potencializaram suas perspectivas para a realização de seus Projetos de Vida, bem como ampliaram seus conhecimentos e aumentaram as possibilidades de melhoria em suas condições de vida por meio da inserção profissional e dos conhecimentos adquiridos.

Portanto é possível verificar a importância de investimentos em cursos de entidades como as descritas no presente trabalho, pois estas demonstram ser de grande valia no que diz respeito ao impacto provocado por seus projetos e programas.

Formações como estas possibilitam um aumento das chances de inserção social e econômica da juventude atual que vem sendo afetada por diversos fatores socioeconômicos contemporâneos, conforme demonstrado no decorrer deste trabalho e por conta destes fatores, via de regra, esta mesma juventude se vê impossibilitada de progredir ou mesmo de realizar suas expectativas pessoais e profissionais.

## ANEXO 1. FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO CURSO DE FORMAÇÃO

---

Este anexo demonstra o modelo de formulário utilizado a partir da ferramenta 'Google Docs' para realização de pesquisas 'online'.

### FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO CURSO DE FORMAÇÃO

Por ser egresso de um curso de formação profissional, você está sendo convidado a participar desta pesquisa que faz parte de um trabalho acadêmico para conclusão do curso de pós-graduação cujo objetivo é verificar sua opinião sobre a importância desta formação em sua vida.

Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Os dados constantes nesta pesquisa serão tratados de forma confidencial, ficando assegurada sua privacidade e serão utilizados exclusivamente para esta pesquisa não acarretando riscos de qualquer natureza relacionados à sua participação. Você não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras.

**1) Considerando que esta é uma pesquisa de caráter acadêmico, você aceita participar da pesquisa conforme descrição acima e responder a este formulário?**

- Sim.
- Não.

**2) Idade**

- 15 a 16 anos.
- 16 a 17 anos.
- 17 a 18 anos

- 18 a 19 anos.
- 20 anos ou mais.

**3) Gênero**

- Masculino.
- Feminino.

**4) Escolaridade**

- Ensino Médio cursando.
- Ensino Médio completo.
- Superior Completo.
- Superior Cursando.

**5) Onde realizou seu curso de formação?**

- ESPRO.
- Associação Obra do Berço.

**6) Após esta formação, você ingressou em algum curso superior?**

- Sim.
- Não.

**7) A quanto tempo finalizou seu curso de formação profissional?**

- 6 meses.
- 6 meses a 1 ano.
- 1 ano a 1 ano e meio.
- 1 ano e meio a 2 anos.
- 2 anos ou mais.

**8) Pensando em seu contexto de vida, quais motivações te levaram a procurar este curso de formação?**

- Insistência da família.
- Melhoria das condições de vida.
- Alcançar novos conhecimentos.

- Inserção no mundo do trabalho.
- Não sabe.
- Outros.

**9) O que você esperava encontrar neste curso? É possível lembrar quais eram suas maiores expectativas antes de iniciar? Tente responder e diga, em uma ou duas palavras, as primeiras que vierem à sua mente.**

**10) Este curso de formação causou impactos na sua vida?**

- Não concordo.
- Concordo em parte.
- Nem sim, nem não.
- Concordo plenamente.

**11) Você atribuiria a esta formação profissional impactos de que ordem?**

- Pessoais.
- Sociais.
- Financeiras.
- Profissionais.
- Visão de mundo.
- Outros.

**12) Está trabalhando?**

- Sim.
- Não.

**13) Se estiver trabalhando, em qual área está?**

- Administrativa.
- Recursos Humanos.

- Comercial/Vendas.
- Financeiro/Contábil.
- Marketing.
- Telemarketing.
- Mercado informal.
- Outros.

**13) Pensando nas suas expectativas em relação ao curso, você teve alguma frustração em relação a esta formação?**

- Não concordo.
- Concordo em parte.
- Nem sim, nem não.
- Concordo plenamente.

**14) Pensando na sua vida hoje, o que você acha que poderia ser melhorado neste curso de formação?**

- Ampliação do tempo de formação.
- Diminuição do tempo de formação.
- Horário da formação.
- Diversificação da grade do curso.
- Encaminhamento mais rápido ao mundo do trabalho.
- Outros.

**15) Espaço reservado para comentários/observações que você julgar pertinentes ou caso você queira dizer alguma coisa que não foi perguntada.**

## BIBLIOGRAFIA

---

BARREIRA, M. C., & CARVALHO, M. d. Tendências e Perspectivas na Avaliação de Políticas Sociais. São Paulo: IEE/PUC – SP, 2001.

BECHARA, Evanildo. Dicionário escolar da língua portuguesa – ABL. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

COELHO, Simone de Castro (coord.). Cadernos Ruth Cardoso, v.2, n.2. São Paulo: Centro Ruth Cardoso, 2011.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. Juventude Popular Urbana: educação, cultura, trabalho. São Paulo: Associação Caminhando Juntos – ACJ, 2007.

DEBIEUX, Miriam. O jovem e o adolescente na cena social: a relação identificação, ato e inserção no grupo social. Seminário Juventude Juventudes: presente e devir, FUNDAP em 31 de março de 2010. Acesso em 10 de maio de 2013. Disponível em

[http://www.fundap.sp.gov.br/debatesfundap/pdf/15\\_seminario/Exposi%C3%A7%C3%A3o%20de%20Miriam%20Debieux.pdf](http://www.fundap.sp.gov.br/debatesfundap/pdf/15_seminario/Exposi%C3%A7%C3%A3o%20de%20Miriam%20Debieux.pdf)

DOWBOR, Ladislau. O que acontece com o trabalho? São Paulo: Editora SENAC, 2002.

FARIA, Simone Menezes de & LEÃO, Inara Barbosa. Alguns aspectos da história da qualificação profissional no Brasil a partir de mil novecentos e noventa. Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Acesso em 3 de maio de 2013. Disponível em

[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada7/GT2%20PDF/ALGUNS%20ASPECTOS%20DA%20HIST%20RIA%20DA%20QUALIFICA%C7%C3O%20PROFISSIONAL%20NO%20%20REPETIDO.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/GT2%20PDF/ALGUNS%20ASPECTOS%20DA%20HIST%20RIA%20DA%20QUALIFICA%C7%C3O%20PROFISSIONAL%20NO%20%20REPETIDO.pdf)

FERRETI, Celso João. Considerações sobre a apropriação das noções de qualificação profissional pelos estudos a respeito das relações entre trabalho e educação. Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 87, p. 401-422, maio/ago. 2004. Acesso em 3 de maio de 2013. Disponível em

<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21463.pdf>

FILGUEIRAS, Cristina Almeida Cunha. Atores locais na implementação da política de qualificação profissional. Serviço Social e Sociedade. Nº.107, São Paulo, 2011. Acesso em 3 de julho de 2013. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-66282011000300004&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282011000300004&lang=pt)

GADOTTI, Moacir. História das ideias pedagógicas. São Paulo: Editora Ática, 2005.

GAMBARDELLA, Alice Dianezi, SILVA, Claudio Luiz de Souza & PRATES, Luciao A. Avaliação em Políticas Sociais: Referências e Tendências. São Paulo/SP: 2004, Brasil. Acesso em 10 de junho de 2013. Disponível em [http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnAPG/enapg\\_2004/ENAPG298.pdf](http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnAPG/enapg_2004/ENAPG298.pdf)

GUARESCHI et al., Intervenção na condição de vulnerabilidade social: um estudo sobre a produção de sentidos com adolescentes do programa do trabalho educativo. ESTUDOS E PESQUISAS EM PSICOLOGIA, UERJ, RJ, v. 7, n. 1, p. 20-30, abr. 2007. Acesso em 21 de abril de 2013. Disponível em <http://www.revispsi.uerj.br/v7n1/artigos/pdf/v7n1a03.pdf>

Juventude: Diversidades e desafios no mercado de trabalho metropolitano. Estudos e Pesquisas, nº 11, Setembro de 2005. Acesso em 14 de junho de 2013. Disponível em [http://www.dieese.org.br/estudosepesquisas/2005/estpesq11\\_jovens.pdf](http://www.dieese.org.br/estudosepesquisas/2005/estpesq11_jovens.pdf)

LEMOS et al. Educação, empregabilidade e mobilidade social: convergências e divergências. Cad. EBAPE.BR vol.7 no.2 Rio de Janeiro, Junho de 2009. Acesso em 14 de junho de 2013. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-39512009000200012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512009000200012)

MACHADO, Lucília. A organização da educação profissional no Brasil. Entrevista concedida em 26.11.200 Acesso em 22 de abril de 2013. Disponível em [http://revista.facsenac.com.br/index.php/edupro/article/viewFile/233/pdf\\_12](http://revista.facsenac.com.br/index.php/edupro/article/viewFile/233/pdf_12)

OLIVEIRA, Ramon de, A Teoria do Capital Humano e a Educação Profissional Brasileira. Acesso em 22 de abril de 2013. Disponível em <http://www.senac.br/INFORMATIVO/bts/271/boltec271c.htm>

OZELLA, Sérgio, & AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. DESMISTIFICANDO A CONCEPÇÃO DA ADOLESCÊNCIA. Cadernos de Pesquisa, v. 38, n. 133, p. 97-125, jan./abr. 2008. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Acesso em 10 de junho de 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/v38n133/a05v38n133>

Políticas Públicas em Foco. Ensino Profissionalizante e qualificação profissional. Boletim Fundap-Cebrap, nº 1, Outubro de 2008. Acesso em 21 de abril de 2013. Disponível em <http://www.cenpec.org.br/biblioteca/educacao/estudos-e-pesquisas/ensino-profissionalizante-e-qualificacao-profissional>

RICO, Elisabeth Melo.(Org.) Avaliação de Políticas Sociais: Uma questão em debate. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

TÓTH, Mariann. O que é Avaliação de Impacto Social? SOCIALTEC – O fórum do Marketing Social do Brasil. Acesso em 3 de maio de 2013. Disponível em [http://www.socialtec.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2&Itemid=15](http://www.socialtec.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2&Itemid=15)